

CONCEITO DE AMBIENTE: COMPREENDENDO OS DISCURSOS MEDIANTE A ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA DA INVESTIGAÇÃO COLETIVA

Camilla Helena Guimarães da Silva ¹
Daniele Barros Jardim ²
Jacqueline de Freitas Pádua ³
Samuel Lopes Pinheiro ⁴

SILVA, C. H. G.; JARDIM, D. B.; PÁDUA, J. de F.; PINHEIRO, S. L. Conceito de ambiente: compreendendo os discursos mediante a estratégia pedagógica da investigação coletiva. **EDUCERE** – Revista de Educação, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 23-35. 2022.

RESUMO: O presente trabalho buscou refletir sobre o conceito de ambiente de uma forma geral, bem como o histórico, as perspectivas e os discursos ambientais que o cercam ao longo do tempo. A metodologia utilizada foi a “Investigação Coletiva na Docência”, isto é, uma estratégia pedagógica que orienta uma aprendizagem significativa e surge pela inquietude de um aprendiz (HIDALGO, 2017). No presente caso realizou-se o seguinte questionamento: “O que é ambiente?”, de forma a gerar uma autorreflexão inicial da pesquisa no grupo de trabalho. O referencial teórico foi composto por autores como Geraldino (2014), Loureiro (2003; 2012), Sauvé (2016), Hannigan (2009) e Sanchez (2011), que nos fizeram perceber os diversos discursos ambientais existentes. Os resultados nos levaram a quatro categorizações sobre ambiente, enquanto: espaço, interação, subjetividade e questionamento. O conhecimento construído no processo investigativo sobre ambiente aproxima-se do conceito que o considera enquanto subjetividade, no qual é um conjunto de elementos, constituído pelas interações, reações e retroações de inúmeros processos, no qual estamos inseridos e fazemos parte, reciprocamente.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente; Discursos ambientais; Educação ambiental; Investigação coletiva.

THE CONCEPT OF ENVIRONMENT: UNDERSTANDING THE DISCOURSES THROUGH THE PEDAGOGICAL STRATEGY OF COLLECTIVE RESEARCH

ABSTRACT: The present work seeks to reflect on the concept of environment in general, as well as the history, perspectives and environmental discourses that surround it over time. The methodology used was “Collective Investigation in teaching”, that is, a pedagogical strategy that guides a meaningful learning and arises from the concern for learning (HIDALGO, 2017). In this case, we part from the question “What is the environment?” to generate an initial self-reflection of the research. The theoretical

DOI: [10.25110/educere.v22i1.20228499](https://doi.org/10.25110/educere.v22i1.20228499)

¹ Doutoranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Av. Itália, s/n, km 8, Carreiros, Rio Grande – RS. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense - Universidade Federal do Rio Grande (IFSUL – FURG). E-mail: camilla.rostas@gmail.com

² Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Av. Itália, s/n, km 8, Carreiros, Rio Grande – RS. E-mail: danielejardim@furg.br

³ Mestranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Av. Itália, s/n, km 8, Carreiros, Rio Grande – RS. E-mail: jacquelinefp@gmail.com

⁴ Doutorando em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Av. Itália, s/n, km 8, Carreiros, Rio Grande – RS. E-mail: samuelshankara@gmail.com

referential was composed by authors such as Geraldino (2014), Loureiro (2003; 2012), Sauvé (2012), Hannigan (2009) and Sanchez (2011), which made us realize the various existing environmental discourses. The results led us to four categorizations about the environment, as: space, interaction, subjectivity, and questioning. The knowledge built in the investigative process about the environment comes close to the concept that considers it as subjectivity, in which it is a set of elements, constituted by the interactions, reactions and retroactions of innumerable processes, in which we are inserted and we are part, reciprocally.

KEYWORDS: Environment; Environmental speeches; Environmental education; Collective investigation.

CONCEPTO DE MEDIO AMBIENTE: COMPRENDER LOS DISCURSOS A TRAVÉS DE LA ESTRATEGIA PEDAGÓGICA DE INVESTIGACIÓN COLECTIVA

RESUMEN: El presente trabajo busca reflexionar sobre el concepto de medio ambiente en general, así como la historia, perspectivas y discursos ambientales que lo rodean a lo largo del tiempo. La metodología utilizada fue la “Investigación Colectiva en la enseñanza”, es decir, una estrategia pedagógica que orienta un aprendizaje significativo y surge de la ansiedad de aprender (HIDALGO, 2017). En este caso la pregunta: “¿Qué es el entorno?”, genera una autorreflexión inicial de la investigación. El marco teórico fue compuesto por autores como Geraldino (2014), Loureiro (2003; 2012), Sauvé (2012), Hannigan (2009) y Sánchez (2011), que nos hacen comprender los diversos discursos ambientales existentes. Los resultados nos llevaron a cuatro categorizaciones sobre medio ambiente, mientras: espacio, interacción, subjetividad y en cuestión. Dado que el conocimiento construido en el proceso de investigación sobre el medio ambiente, se acerca al concepto que lo considera como subjetividad, en el que es un conjunto de elementos, constituidos por las interacciones, reacciones y retroacciones de innumerables procesos, en los que estamos insertados y somos parte, rec procamente.

PALABRAS CLAVE: Ambiente; Discursos ambientales; Educación ambiental; Investigación colectiva.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O debate sobre o conceito de ambiente está presente no nosso cotidiano de diversas formas, principalmente, nos últimos anos em que acentuou-se a recorr ncia desta palavra em diversos buscadores, no entanto, ela pode assumir diferentes acep es e não temos a dimensão do quão diverso e complexo pode ser sua defini o. Para tanto, um dos objetivos propostos   o de fazer um levantamento sobre essa teia de sentidos sobre ambiente e esboçar um pouco das diferentes compreensões e seus autores, bem como autorrefletir sobre a compreensão deste tema.

No decorrer da pesquisa realizada, encontrou-se defini es das palavras ambiente e meio ambiente, que apesar de terem uma certa semelhança, apresentam uma diferencia o conceitual, conforme a área de especialidade estudada, mas por vezes elas aparecem colocadas como sin nimos e em outras como complementares. A título de

pesquisa para o presente artigo, considerou-se tanto a palavra “ambiente” como a expressão “meio ambiente” no momento de tratar os conceitos.

Para iniciar, apresenta-se o histórico do aparecimento da noção de ambiente. A primeira vez que se tem o registro de uma definição próxima de ambiente foi em 1835, com o conceito de meio ambiente (*milieu ambiançe*), feito por Geoffrey de Saint-Hilaire em sua obra *Études progressives d'un naturaliste* MILARÉ, (2003). Para o autor naturalista e zoólogo francês Saint-Hilaire, a palavra *milieu* refere-se a um lugar onde encontra-se um ser vivo e *ambiançe* o que está ao seu redor. Já segundo Edis Milaré (2003, p. 165), “o meio ambiente pertence a uma daquelas categorias cujo conteúdo é mais facilmente intuído que definível, em virtude da riqueza e complexidade do que encerra”, isto é, precisamos de uma reforma do pensamento para atuar de modo sistêmico, onde sejamos capazes de compreender e refletir sobre ambiente, bem como das relações estabelecidas entre os termos que a ambiente se ligam, através de uma ampla e profícua reflexão, fazendo a articulação entre os termos.

No Brasil, o conceito legal de meio ambiente encontra-se na Lei nº 9.795/99, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental (1999), na qual nos traz que meio ambiente é “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. Ou seja, um conceito um tanto restrito a formas vivas e suas interações, revelando carência na adesão do conceito quanto a bens culturais, subjetividades e a economia.

Pois, sobre o conceito de ambiente, de acordo com Silva (2004, p. 20), deve-se ter uma visão mais holística e pensar que é “abrangente de toda a natureza, o artificial e original, bem como os bens culturais correlatos, compreendendo, portanto, o solo, a água, o ar, a flora, as belezas naturais, o patrimônio histórico, artístico, turístico, paisagístico e arquitetônico”. Essa afirmativa está em ressonância com o proposto na Carta da Terra (1992), um documento elaborado durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecido como Rio 92. Documento este que caracteriza o ambiente como uma integralidade ecológica e por isso devemos prevenir seu dano, assumindo uma postura de precaução, principalmente quando nosso conhecimento for limitado sobre o tema.

Nestes termos, encontra-se em Marx (1983), que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes, isso significa afirmar apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza. Na colocação de Marx, depreende-se que não há como discutir o conceito ambiente sem relacionar a

questão humana e sua influência, pois não há uma divisão entre o ser humano e a natureza. Corroborando com essa afirmação, Loureiro (2003), apoiado nos dizeres de Gonçalves (1989; 2000), afirma que o ambiente é um conceito com diferentes escalas de compreensão, mas que deve ser levado em conta os sujeitos individuais e coletivos:

O conceito de ambiente adotado na Educação Ambiental expressa um espaço territorialmente percebido com diferentes escalas de compreensão e intervenção, em que se operam as relações sociedade-natureza. Exprime uma totalidade que só se concretiza à medida que é preenchido pelos seus sujeitos individuais e coletivos com suas visões de mundo (GONÇALVES, 1989; 2000). É, portanto, o resultado da interação entre a parte (a sociedade) e o todo (a natureza), mutável em ao menos alguns de seus aspectos, conforme a capacidade de trabalho de que dispomos para tal. (LOUREIRO, 2003, p. 51).

Nesse cenário conceitual a respeito de ambiente, Reigota (2004), afirma que é necessário conhecer as percepções das pessoas envolvidas sobre ambiente, pois só assim será possível realizar atividades em Educação Ambiental. Em sintonia com esse autor, Sato (2002), também do contexto de pesquisa em Educação Ambiental, afirma que não existem concepções certas ou erradas sobre o ambiente, cada uma delas representa uma concepção de mundo e isso será percebido mediante os discursos ambientais que nos cercam.

Logo, a partir desse breve resgate sobre a história do conceito de ambiente, a partir de um arrazoado de compreensões em autores diversos da Educação Ambiental e da legislação brasileira, nas seções a seguir pretende-se apresentar as perspectivas e os discursos sobre ambiente, bem como analisar mediante a visão cotidiana predominante dos sujeitos da Investigação Coletiva realizada em um grupo de pós-graduação em Educação Ambiental, uma compreensão sobre o tema em questão. A construção dessa nova compreensão do conceito de ambiente que se apresenta, também proporciona e tenciona na ampliação da discussão dos problemas ambientais que se enfrenta atualmente, uma vez que faz refletir sobre interações diversas e transformações que esse processo investigativo ocasionou.

PERSPECTIVAS SOBRE AMBIENTE E DISCURSOS AMBIENTAIS

Para compreender melhor o ambiente, Silva (2004) dividiu-o sob três aspectos: o meio ambiente físico, composto por água, ar, solo, flora, fauna e suas relações; o meio ambiente artificial, composto pelo espaço urbano construído; o meio ambiente cultural, integrado pelo patrimônio histórico, artístico, arqueológico, paisagístico, turístico, que,

embora também artificial, difere do anterior pelo seu sentido de valor (SILVA, 2004, p. 21).

Geraldino (2014) também particiona o ambiente em três, de acordo com a visão de quem faz parte do ambiente. O autor analisa as respectivas relações particulares: o meio em que se encontram os seres não-vivos, o meio relativo aos seres vivos e o meio ao qual ambienta os seres humanos.

Nesta análise, o primeiro recorte que o autor faz é o ambiente para os seres não-vivos. Cita que, para estes, o ambiente ao seu redor é pura indiferença, não havendo possibilidade de transformação por parte deste no meio; uma pedra, por exemplo, só pode ser uma pedra pela cognição de um terceiro que determinou sua existência. Há também uma relação de negação do meio com o objeto não-vivo, provocando seu desgaste e transformação.

Um exemplo comum é da própria rocha (pedra) que pela ação do intemperismo físico, químico e biológico se transforma em partículas menores transformando-se em solo. Posteriormente, cita o ambiente voltado aos seres vivos, onde temos uma relação de mão dupla, onde o ser depende do meio para continuar a ser e o meio nega, assim como acontece com os seres não-vivos. Destaca ainda que sua sobrevivência é regada a contradições, tanto ecológicas quanto fisiológicas; convive com as tensões da contradição externa, inerente ao meio, quanto a contradição interna, inerente a sua própria vida, já que a sua morte é iminente (GERALDINO, 2014).

Dessa forma, Geraldino (2014), analisa o ambiente do ponto de vista do ser humano, ou como o mesmo chama de ‘ser consciente’, que se caracteriza por deixar de ser apenas mais um ser vivente quando passa a problematizar sobre o que é, vivenciando então outro tipo de experiência para com o ambiente. Ou seja, como ‘ser consciente’ e ontológico, vive a contradição da sua relação constante com o meio, com os outros seres e consigo mesmo.

Outra perspectiva sobre o ambiente encontramos em Loureiro (2012), pois o autor traz em sua visão de inspiração marxista que os indivíduos em sociedade e o meio natural formam a totalidade na natureza. Isso implica pensar no ambiente para além de uma categoria naturalista, mas sim social, no qual a sociedade é natural, em contrapartida. Apesar de não ser totalmente orgânico, esta relação dialética entre o todo e as partes é socialmente ativa.

Sauvé *et al.*(2016) categorizam as concepções sobre ambiente a partir de diferentes perspectivas: ambiente como natureza, em sua forma original, pura, de onde os

humanos estão dissociados; ambiente como recurso, recursos naturais que necessitam ser gerenciados e administrados; ambiente como problema, relacionado a catástrofes ambientais, geradas pela crescente urbanização, industrialização e consumo; ambiente como meio de vida, aquele do cotidiano, da escola, do bairro, que possui aspectos naturais e culturais; ambiente como sistema, relacionado ao ecossistema e as relações ecológicas; ambiente como biosfera, que envolve a percepção sobre as inter-relações dos fenômenos ambientais locais e globais; e por fim, ambiente como projeto comunitário, como parte da coletividade humana, um lugar político e centro da análise crítica.

Assim, com intuito de mapear como o conceito de ambiente vem sendo tratado por diferentes perspectivas ao longo da história, encontramos em estudo intitulado “Sociologia Ambiental” do sociólogo John Hannigan (2009), um apanhado de informações que auxiliam a ter uma ideia geral de como se deu este processo de caracterização da noção de ambiente, em especial durante o século XX.

Este autor, apresenta diferentes tipologias de tratamento da palavra ambiente, através da chamada análise do discurso, que segundo ele é uma metodologia que tem sido praticada com bons resultados por diferentes escolas da teoria e da pesquisa ambiental. A partir de sua leitura, pode-se elencar que o discurso é uma série interligada de enredos que interpretam o mundo, criando significado para validar a ação, mobilizar a ação ou ainda definir alternativas.

Uma primeira abordagem de como organizar os discursos de ambiente trazidas por Hannigan (2009), provém de estudos de Herndl e Brown. Como numa imagem triangula, teríamos três círculos em cada canto do triângulo com diferentes discursos.

Figura 1: Discursos sobre ambiente.

Discurso regulatório: disseminado por instituições poderosas que decidem e estabelecem políticas ambientais. A natureza e o ambiente é tratado como recurso.



Discurso poético: narrativa da natureza que enfatiza sua beleza, espiritualidade e poder emocional. Literatura.

Discurso científico: onde a natureza é considerada como objeto de conhecimento construído via método científico. Os formuladores de políticas rotineiramente se baseiam aqui. Dados técnicos.

Fonte: Adaptado de Hannigan (2009)

No topo do triângulo está o discurso regulatório, disseminado por instituições de poder que decidem e estabelecem políticas ambientais, assim o ambiente e a natureza aparecem com um sentido de recurso. No canto direito do triângulo está o discurso científico, onde a natureza é considerada como um objeto de conhecimento que é construído através de métodos científicos, como dados técnicos e estatísticos e que de certa forma alimenta as tomadas de decisões dos discursos regulatórios. E ainda temos na base esquerda do triângulo, o discurso poético, que enfatiza a beleza, a espiritualidade e o poder emocional. Um exemplo do discurso poético seria a literatura que trata de temas de natureza.

O sociólogo Hannigan (2009), apresenta os estudos de Brulle e sua classificação de discursos ambientais em nove tipologias diferentes, a saber: o manifesto de destino; o manejo da vida selvagem; a conservação; a preservação; reforma ambientalista; ecologia profunda; justiça ambiental; ecofeminismo; e a ecoteologia. Cada uma dessas tipologias é esmiuçada de melhor forma no estudo do sociólogo, mas aqui apresenta-se apenas uma ideia desses diferentes discursos.

Ainda há uma terceira abordagem que Haniggan (2009) apresenta a partir de John Dryzek (2005), no livro *The politics of the Earth: environmental discourses*. Neste trabalho Dryzek apresentaria quatro principais discursos: o da sobrevivência, o da resolução do problema ambiental, o da sustentabilidade e o do radicalismo verde, que poderiam ser organizados em duas dimensões, como o prosaico *versus* o imaginativo e o reformista *versus* o radical.

Somente após apresentar todos estes discursos de ambiente, Hannigan apresenta a sua própria classificação para os discursos de ambiente ao longo do século X, chamando-os de: o discurso arcádico, o discurso do ecossistema e o discurso da justiça.

Tabela 1: Discursos ambientais

Arcádico	Ecossistema	Justiça
Natureza sem preço de valor estético e espiritual	Interferência humana	Todos os cidadãos tem um direito básico de viver e trabalhar num ambiente saudável
Movimento de volta a natureza	Ciência biológica	Igrejas negras
Preservadores e conservacionistas	Ecologia e ética	Direitos civis e ambientalismo

Fonte: Adaptado de Hannigan (2009)

No primeiro deles pode-se elencar alguns elementos como a natureza tratada sem preço de valor estético e espiritual, e também há um movimento de retorno à natureza e uma aliança de preservadores e conservacionistas. No segundo discurso, há a ideia de que a interferência humana perturba o equilíbrio das comunidades bióticas, tem como lugar primário a ciência biológica e uma fusão de ecologia e ética. No terceiro discurso, o de justiça, temos a ideia de que todos os cidadãos têm o direito básico de viver e trabalhar em um ambiente saudável e há uma fusão de direitos civis e ambientalismo.

Além destas abordagens de discursos trazidas por Hannigan (2009), apresenta-se uma outra ideia de ambiente colocada por Celso Sánchez (2011). Este autor aponta uma visão mais holística ou sistêmica em que as partes estão conectadas ao todo e o todo às partes. Há uma parte do seu livro intitulado “Ecologia do corpo”, em que discorre sobre a ideia de ambiente interno e ambiente externo. Este autor faz analogias com cosmologias, atravessando uma concepção abrangente que, por exemplo, apresenta o fluxo sanguíneo no corpo humano poderia ser pensado também como os fluxos dos rios. Assim ambientes internos e ambientes externos se comunicam simbolicamente em sua linguagem que contemplaria uma variedade de culturas ancestrais, tradições sapienciais e espiritualidades.

METODOLOGIA

A discussão que deu origem a escrita deste presente artigo, emergiu na disciplina “Currículo, Cultura, Formação Docente e Educação Ambiental” do Programa de Pós-

graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A metodologia utilizada para o estudo foi a “Investigação Coletiva na Docência” (HIDALGO, 2017), ou seja, é uma estratégia pedagógica que orienta uma aprendizagem significativa e surge pela inquietude de um aprendiz. Essa estratégia pedagógica busca abordar diferentes temas, mediante a interpretação do significado dos sujeitos participantes.

Para tanto, foi realizado um diagnóstico sobre ‘O que é ambiente?’, para gerar autorreflexão, em cada um dos 23 sujeitos da referida disciplina. Por isso foi levantado o histórico, as perspectivas e os discursos que cercam o tema sobre o ambiente para assim se chegar num consenso de investigação qualitativa, bem como fundamentar e dialogar com a definição de ambiente construída coletivamente.

Dessa forma, essa metodologia faz com que o conhecimento coletivo seja construído de forma profícua, pois com os dados para a interpretação das informações podemos confrontar a autorreflexão do cotidiano dos sujeitos envolvidos com o referencial teórico estudado. Isto é, existe um efeito pedagógico que permeia o processo investigativo, ocasionando uma transformação formativa tanto individual, quanto coletiva.

A transformação individual ocorre mediante a reflexão, mediante a assimilação do conhecimento e do empoderamento sobre a investigação coletiva. Logo, isso acarreta o fortalecimento do novo conhecimento gerado a partir da socialização dos resultados, bem como a aplicação do que foi aprendido. Portanto, esse efeito pedagógico é fundamentado mediante três grandes teorias ecléticas: cognitiva, behaviorista e humanista.

Assim, a Investigação Coletiva na Docência, pelo ponto de vista pedagógico pretende motivar os sujeitos a refletir sobre seu aprendizado, bem como despertar para a investigação; confrontar a realidade com o conhecimento teórico; fomentar o pensamento complexo e crítico; promover um trabalho tanto individual, quanto coletivo; permitir a atualização permanente dos sujeitos envolvidos sobre a realidade de seus contextos; bem como a sistematização do tema investigado na forma de um novo conhecimento.

Na próxima seção, apresenta-se a categorização dos elementos coletados sobre o conceito de ambiente da turma em que foi realizado o estudo e também um outro conceito sobre ambiente no qual representou todo processo de investigação coletiva supracitado. A partir destes conceitos, realizou-se um processamento e analisou-se com o

levantamento teórico para assim compreender de fato o que é o ambiente nesse processo de aprendizagem.

INVESTIGAÇÃO COLETIVA

A partir da Investigação Coletiva realizada, na qual inicialmente analisou-se os conceitos individuais e como resultado chegou-se na classificação de quatro categorias de ambiente, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2: Categorias analisadas sobre ambiente

Categoria	Evidências	Conceito
1 - Ambiente enquanto Espaço (8 de 23 sujeitos)	Ambiente que leva em conta o contexto, sem o ser humano nele.	Ambiente enquanto espaço físico, não considera as interações que ocorrem no mesmo.
2 - Ambiente enquanto Interação (7 de 23 sujeitos)	Ambiente que percebe toda ecologia envolvida.	Ambiente enquanto interação entre os seres vivos no espaço, considerando os fatores geográficos, sociais e econômicos.
3 - Ambiente enquanto Subjetividade (7 de 23 sujeitos)	Ambiente com visão crítica, que leva em conta as relações estabelecidas, incluindo o ser humano.	Ambiente que envolve tanto o contexto físico quanto a subjetividade das relações estabelecidas.
4 - Ambiente em Questionamento (1 de 23 sujeitos)	Ambiente em dúvida, com indefinição do conceito.	Considera que o ambiente pode ser compreendido a partir de vários questionamentos.

Fonte: Investigação Coletiva na disciplina “Currículo, Cultura, Formação Docente e Educação Ambiental” (2019/1).

Portanto, a concepção de ambiente que se chegou, mediante as análises realizadas, foi “O ambiente é um conjunto de elementos, constituído pelas interações, reações e retroações de inúmeros processos (físico, social, cultural, subjetivo, geográfico...) no qual estamos inseridos e fazemos parte, reciprocamente. É um conceito amplo, multifacetado e flexível, pois inclui diferentes perspectivas de acordo com a necessidade da concepção. Segundo Reigota (2004), o ambiente possui elementos tanto naturais quanto sociais que se relacionam intrinsecamente:

É um lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 2004, p.14).

Nestes termos, de um total de 23 sujeitos participantes no exercício de investigação na docência, pôde-se perceber que o conceito construído de ambiente se aproxima da categoria 3, a de ambiente enquanto subjetividade. Noção esta que Sauvé (2016) denomina como ambiente como biosfera, aquele que envolve a percep o das inter-rela es ambientais locais e globais, que foi manifesto por sete pessoas. Constatamos igualmente que a maioria dos sujeitos da turma descreveram em suas percep es sobre o ambiente enquanto espaço, como pode ser observado na categoria 1, expresso por um total de oito pessoas, que segundo a mesma autora seria a concep o de ambiente como natureza (SAUVÉ 2016), de forma pura dissociados dos seres humanos.

A categoria 2, ambiente enquanto intera o,   denominada também de ambiente como meio de vida, que leva em conta o cotidiano e os aspectos naturais e culturais, segundo Sauvé (2016), no qual a turma ficou dividida com a categoria 3, também com sete pessoas abordando essa perspectiva. E somente um sujeito não conseguiu definir o ambiente deixando em questionamento, conforme categoria 4, que podemos relacionar com uma das concep es de Sauvé (2016), que apresenta o ambiente como problema, devido às catástrofes ambientais e os crescimentos urbanos, industriais e de consumo que vivenciamos. O ambiente enquanto questionamento pode representar uma abertura na sua própria defini o e constru o conceitual.

Assim, acredita-se que foi atingido os objetivos da estratégia pedagógica da Investiga o Coletiva, pois a partir da inquietude inicial acerca do que   o ambiente, se provocou a curiosidade investigativa sobre suas defini es e compreensões discursivas tantos em autores do campo ambiental quanto nos sujeitos envolvidos no processo formativo do grupo estudado.

CONSIDERA ES FINAIS

O percurso de constru o metodológica deste trabalho através do tratamento investigativo dos conceitos em diferentes autores, bem como própria apropria o do conceito, revelou-se ao final um exercício complexo. Complexo no sentido do tecer conjuntamente, pois partiu-se de diferentes pontos, leituras e abordagens para convergir para alguns resultados teóricos neste texto, mesmo que os resultados sejam temporários.

A partir dos estudos desde o campo da Educa o Ambiental, foi possível ampliar o conceito de ambiente para além dos aspectos físico-biológicos. Em muitos casos, falar em ambiente remete   preserva o da natureza, o que poderia encerrar em uma compreensão exclusivamente conservacionista de ambiente. Consideramos, dessa forma,

que é preciso ir adiante nas compreensões de ambiente, para além daquelas que dissociam as esferas da vida social e que dicotomiza a condição humana de existência enquanto natureza, fazendo articular ambiente com vida em toda sua abrangência.

Percebe-se que a tendência em considerar o ambiente enquanto associado a espaço físico pela maioria da turma, aconteceu pelos termos entendidos e utilizados amplamente nos mais diversos contextos culturais e, que de certa forma, revela a concepção de ambiente que normalmente costumamos ter mais acesso. Enquanto o aparecimento de conceito de ambiente que remete à interação e à subjetividade, está associado a uma reflexão mais abrangente do conceito de ambiente, que considera o mesmo pelas relações dinâmicas estabelecidas, bem como seus processos de transformação tanto do meio natural quanto no construído. O conceito de ambiente em questionamento, nos remete a um sujeito que está em transição conceitual, ainda (re)descobrendo a visão socioambiental que a comunidade científica atualmente aborda. A questão pode significar uma abertura para o hodierno, daquilo que não se sabe e das transformações que a própria concepção pode vir a sofrer com o tempo.

Por fim, acredita-se que existem inúmeras definições de ambiente e exatamente por isso, por ser conceito extensível por transitar em diferentes campos do conhecimento, sem ter uma definição fechada por conta desta sua característica multidisciplinar e que se dá também na subjetividade e na construção coletiva, pode significar uma riqueza em seu tratamento e em sua complexidade. Com isso encerra-se o exercício de reflexão textual a partir desta metodologia apresentada da investigação coletiva na docência, a partir da inquietação do conceito de ambiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, n. 79, 28 abr. 1999.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. 3 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

CARTA DA TERRA, 1992. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educac%C3%A7%C3%A3o-ambiental/documentos-referenciais/item/8071-carta-da-terra.html> . Acesso em: 24 mar. 2019.

DASHEFSKY, H. Steven. **Dicionário de educação ambiental**: um guia de A a Z. 2 ed. São Paulo: Gaia, 2001.

- DIAS, Cláudia. **Pesquisa qualitativa:** características gerais e referências, mai. 2000. Disponível em: http://www.paulorosa.docente.ufms.br/metodologia/Textos/Dias_Pesquisa_Qualitativa.pdf Acesso em: 23 mar. 2019.
- GERALDINO, Carlos Frederico Gerencsez. Uma definição de meio ambiente. **GEOUSP - Espaço e Tempo (On-line)**, v. 18, n. 2, p. 403-415, 20 set. 2014.
- GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S.de (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.
- HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HIDALGO, Carélia Rayen. Investigação Coletiva em la docencia: uma experiência pedagógica. **V Congresso Venezuelano de Extensão Universitária**. Jul. 2017.
- LOUREIRO, Carlos Frederico. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. In: **Revista Ambiente e Educação:** Rio Grande, n 8, p. 37–54, 2003.
- LOUREIRO, Carlos Frederico. **Sustentabilidade e educação:** um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômicos-Filosóficos. In: FROMM, Erich. **Conceito Marxista do Homem**. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MILARÉ, Edis. **Direito do ambiente**. 3 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.
- REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANCHEZ, Celso. **Ecologia do corpo**. Editora Wak. 1 ed, 2011.
- SATO, Michelle. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.
- SAUVÉ, Lucie. Environmental Education and Sustainable Development: A Further Appraisal. In: **Canadian Journal of Environmental Education**, v 1, p. 7-54, 1996. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ540073.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2019
- KRZYSCZAK, Fabio Roberto. **As diferentes concepções de meio ambiente e suas visões**. Uruguai: REI, v. 11, n. 23, jan/jun, 2016. Disponível em: https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/9c9c1925f63120720408c5260bb0080d355_1.pdf . Acesso em: 19 mar. 2019.
- SILVA, José Afonso da. **Direito ambiental constitucional**. 5 ed. São Paulo: Malheiros, 2004.

Recebido em: 20/09/2022
Aceito em: 24/10/2022